

UMA ANÁLISE DAS FORMAÇÕES DISCURSIVAS DO DISCURSO DE MEMBROS DA IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLEIA DE DEUS

Dalexon Sérgio da Silva^{*}

Karl Heinz Efken^{**}

Nadia Pereira Gonçalves de Azevedo^{***}

RESUMO: O presente trabalho pretende analisar o discurso religioso de membros da Igreja Evangélica Assembleia de Deus do campo de Abreu e Lima, cidade da região metropolitana do Recife. Assim, à luz da perspectiva teórica e dos procedimentos analíticos da Análise do Discurso de linha francesa (AD), este trabalho mobiliza o conceito de formação discursiva em dois membros da igreja (crentes assembleianos), dois pastores sem formação teológica e dois pastores com formação teológica.

PALAVRAS-CHAVE: discurso religioso; formações discursivas; efeitos metafóricos.

ABSTRACT: This study aims to examine the religious discourse of members of the Evangelical Church Assembly of God Field Abreu e Lima, a city of the metropolitan area of Recife. Thus, in light of the theoretical perspective and analytical procedures of Discourse Analysis of French (AD), this work aims to mobilize the concept of discursive formation of two members of the church (believers assembleyers), two pastors and two theologically untrained pastors with theological training.

KEYWORDS: religious discourse; discursive formations; metaphorical purposes.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O interesse pelo estudo do discurso religioso da Igreja Evangélica Assembleia de Deus se deu quando o primeiro autor realizou a docência em sala de aula com alunos do Ensino Fundamental e Médio da rede pública municipal e estadual. Nesta ocasião, manteve contato com muitos estudantes que eram membros da Igreja Evangélica Assembleia de Deus do campo de Abreu e Lima o que lhe despertou a atenção por já perceber no discurso desses sujeitos a presença de um interdiscurso cristalizado, com forte presença de metáforas, por exemplo: - “a gente tá no deserto mesmo”, ou, - “Eu sou um crente de fogo”. Tais discursos inquietaram o primeiro autor, aguçando-lhe a curiosidade e, por conta disso, o desejo de

^{*} Mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), professor da Prefeitura de Olinda - autor de diversos livros

^{**} Doutor em Filosofia, professor e pesquisador do PPG em Ciências da Linguagem da Unicap.

^{***} Doutora em Letras e Linguística - professora e pesquisadora do PPG em Ciências da Linguagem da Unicap.

elaborar essa pesquisa em busca de responder às seguintes indagações:

- Como o discurso religioso desses sujeitos assembleianos significa?
- Que efeitos de sentidos são produzidos a partir do que há em comum entre os membros dessa igreja?
- Será que todos os sujeitos assembleianos pertencem à mesma formação discursiva? Ou seja, falam de uma mesma posição?

Nesse intento, este trabalho investigativo destina-se a analisar a presenciadas formações discursivas num *corpus* constituído pelo discurso religioso de 6 (seis) sujeitos envolvidos nesta pesquisa. A saber, composto por quatro pastores e dois crentes membros da Igreja Evangélica Assembleia de Deus do campo de Abreu e Lima, na cidade de Abreu e Lima, região metropolitana da cidade do Recife, no estado de Pernambuco, no Brasil.

Este artigo está distribuído, de forma a apresentar o trabalho ao leitor, nas considerações iniciais, justificando-o e marcando problematizações e objetivos. O item 2 pretende situar, brevemente, algumas considerações teóricas acerca da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, assim como o item 3 discute a teoria e procedimento analítico, suporte do trabalho, a Análise do Discurso de linha francesa, tal como delineada por Pêcheux e desenvolvida, no Brasil, por Orlandi e seguidores. Em seguida, pretende-se evidenciar o percurso metodológico do trabalho, para, finalmente, no item 5, trazer à discussão o corpus discursivo dos sujeitos em estudo, focando no aspecto das formações discursivas. Por último, haverá o fechamento do trabalho, com as considerações finais.

O DISCURSO RELIGIOSO NA IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLEIA DE DEUS EM SUA CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA

No início do séc. XX houve uma mudança de paradigmas no segmento protestante. Os Estados Unidos da América vivenciavam o que se convencionou a chamar de avivamento pentecostal, tendo seu início na Califórnia. Contudo, foi a igreja Batista dos Estados Unidos das Américas, mais precisamente, de Chicago, quem enviou dois missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg ao Brasil.

O ano era 1910, ou mais detalhadamente, de acordo com Costa (1985) era o dia 19 de dezembro de 1910. Nesta data, o Brasil viria a conhecer os pioneiros de um movimento religioso que viria a se consolidar como o Movimento Pentecostal no Brasil, no qual passaria, com o transcorrer dos anos, a se firmar e ostentar-se como o movimento evangélico que concentra o maior número de fiéis falantes da língua portuguesa em território brasileiro.

Gunnar Vingren e Daniel Berg embarcaram num navio, em Nova Iorque, rumo às terras paraenses. Ambos afirmavam serem inspirados

pelo Espírito Santo para trazerem ao povo brasileiro uma mensagem nova, poderosa e eficaz centralizada em Deus.

Ao pisarem no solo de Belém, esses dois suecos traziam em si uma nova perspectiva nos seus discursos religiosos que seria amplamente abarcada pela comunidade paraense. Eles percorreram o território de Belém como andarilhos, nômades e levaram aos moradores daquela região a mensagem bastante inovadora de que era possível receber a cura divina e o batismo com fogo, no Espírito Santo, nos dias atuais, baseados na Bíblia, principalmente no livro de At2.

A notícia de que muitas pessoas estavam sendo curadas dos seus males e batizadas no Espírito Santo espalhou-se rapidamente, por toda a região de Belém e muitos iam aos cultos para saberem mais detalhes sobre a nova união apregoada por esses missionários. Em relação ao exposto, tendo em vista tal relato, as pessoas que frequentavam essa Missão compreenderam e defenderam a ideia de que não se resumia mais, em apenas, uma Missão, mas de uma Assembleia, tendo em vista tratar-se, agora, de uma grande reunião de pessoas. Por isso resolveram, no dia 11 de janeiro de 1918 denominarem e constituírem, oficialmente, a Igreja Evangélica Assembleia de Deus, que na atualidade, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE no Censo 2010 é a igreja evangélica que concentra o maior número de fiéis no Brasil, isto é, mais de doze milhões de pessoas.

AS FORMAÇÕES DISCURSIVAS E IDEOLÓGICAS NA ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA

O conceito de Formação Discursiva (FD) foi criado por Foucault (2010) e desenvolvido por Pêcheux. Em suas concepções teóricas acerca da Formação Discursiva, Pêcheux busca centralizar suas pesquisas, focando o elemento ideológico, já que na compreensão dele, a ideologia é materializada no discurso. Assim, para Pêcheux, a FD está, pelo menos em seu início, intimamente relacionada à noção de formação ideológica, decorrente da leitura que ele fez da obra “Aparelhos Ideológicos do Estado”, de Althusser, o que, por conseguinte, explica o seu estreito laço com o Marxismo. Assim Pêcheux expõe seu conceito:

chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, em uma formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina “o que pode e o que deve ser dito”, articulado sob a forma de uma alocação, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc (PÊCHEUX, 1997, p. 160).

Desta forma, ao chegar a essa concepção de formação discursiva, o autor compreende que a diferença entre duas Formações Discursivas está contemplada no elemento ideológico, nas lacunas que favorecem a movimentação e impedem a cristalização dos sentidos. Assim,

as formações ideológicas de que acabamos de falar comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas que determinam o que pode e deve ser dito (articulando sob a forma de uma arenga, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa, etc) a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa certa relação de lugares num interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes (PÊCHEUX e FUCHS, 1993, p. 166).

Do que foi dito, pode-se observar nas palavras de Pêcheux a presença da heterogeneidade da Formação Discursiva (FD). Ele prossegue com essas reflexões e comprova que no interior de uma FD coexistem discursos provenientes de outras formações discursivas, o que implica no favorecimento da diferença e da contradição, como características constitutivas de uma FD, na compreensão de que os discursos fazem parte de formações ideológicas e discursivas, associadas, sempre, a uma memória social. Isto é, o autor defendeu a ideia de que toda formulação possui, em seu “domínio associado” outras formulações que ela repete, refuta, transforma, nega, enfim, em relação às quais se produzem certos efeitos de memória específicos. Trata-se, portanto, de inserir no coração da noção de Formação Discursiva a problemática da memória cujo trabalho produz a lembrança ou o esquecimento, a reiteração ou o silenciamento de enunciados.

Mussalim (2003) acrescenta a tal assertiva, a compreensão de que:

uma formação discursiva determina o que pode/deve ser dito a partir de um determinado lugar social. Assim uma formação discursiva é marcada por regularidades, ou seja, por “regras de formação”, concebidas como mecanismos de controle que determinam o interno (o que pertence) e o externo (o que não pertence) de uma formação discursiva (MUSSALIM, 2003, p.119).

Logo, Mussalim (2003) destaca que as formações discursivas sempre se correspondem com outras Formações Discursivas para a sua concepção. Isto é, baseiam-se em outras Formações Discursivas para elaborarem seu próprio discurso. Nessa perspectiva, uma Formação Discursiva é atravessada pelo pré-construído, definição evidenciada por Pêcheux, na qual ele a define como discursos que vieram de outro lugar e que são incorporados por ela em uma relação de confronto ou aliança. Compreende-

se, assim, que uma Formação Discursiva é constituída por paráfrases, já que é um espaço onde enunciados são retomados e reformulados.

Pêcheux (1997) compreende que a formação discursiva é o lugar de articulação entre língua e discurso. Assim, as palavras, expressões, proposições possuem sentido a partir da formação discursiva na qual são produzidas. Ele explica como funciona a relação do sujeito com o discurso e a ideologia. É nesse trâmite que o conceito de Formação Discursiva é utilizado pela AD para designar o lugar onde se articulam discurso e ideologia. Logo, uma formação discursiva é governada por uma formação ideológica e como uma formação discursiva é um dos componentes de uma formação ideológica específica, ela é um espaço de embates, de lutas ideológicas. Isso significa que os discursos são governados por formações ideológicas, uma vez que a formação ideológica é composta por uma ou várias formações discursivas interligadas.

É diante dessa concepção que se compreende a noção da interpelação ou do assujeitamento, levando-se em consideração, como já exposto, que o sujeito não é o senhor de sua vontade, tendo em vista que sofre as coerções de uma Formação Ideológica e Discursiva, ou é submetido à sua própria natureza inconsciente. Desse modo, sem que tenha consciência disso, cada sujeito passa a ter a impressão de que é ele quem controla o seu dizer, sendo levado a ocupar seu lugar em um dos grupos ou classes de uma determinada formação discursiva.

De acordo com Pêcheux (1988, p. 163): “é através da identificação do sujeito com a FD que o domina que a interpelação (assujeitamento) se dá e transforma-o em sujeito de seu discurso”. Assim, o sujeito não pode ser concebido como um indivíduo que fala, pois quem, de fato, fala é uma instituição, ou uma teoria, ou uma ideologia. Desta feita:

o sujeito passa a ser concebido como aquele que desempenha diferentes papéis de acordo com as várias posições que ocupa no espaço interdiscursivo. (...) O sujeito apesar de desempenhar diversos papéis, não é totalmente livre; ele sofre as coerções da formação discursiva do interior do qual já enuncia, já que esta é regulada por uma formação ideológica. Em outras palavras, o sujeito do discurso ocupa um lugar de onde enuncia, e é este lugar, entendido como a representação de traços de determinado lugar social, (...) que determina o que ele pode ou não dizer a partir dali, ou seja, este sujeito, ocupando o lugar que ocupa no interior de uma formação social, é dominado por uma determinada formação ideológica que preestabelece as possibilidades de sentido de seu discurso (MUSSALIM, 2003, p.133).

Nesse enfoque, por sofrer as coerções da formação discursiva do interior do qual já enuncia, o sujeito, para a AD, não é o centro de seu dizer. Esta afirmação

retoma as observações sobre os esquecimentos 1 (um) e 2 (dois) que foram formuladas por Pêcheux e Fuchs (1993)

1) Esse primeiro esquecimento, também se tornou conhecido como “esquecimento ideológico”. Nesse ponto, produz no sujeito a ilusão de ser a origem do que diz, fato que não é verdadeiro, pois ele está retomando sentidos pré-existentes;

2) O segundo esquecimento, chamado de “esquecimento enunciativo”, produz no sujeito a impressão de que o que ele diz só pode ser dito daquela maneira e não de outra forma. Entretanto, esse esquecimento não é total, porque, ao recorrer às famílias parafrásticas, o sujeito reconhece que o dizer poderá ser sempre outro. O sujeito se subjetiva na medida em que se projeta de seu lugar no mundo para sua posição no discurso. Nessa medida, sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo na articulação da língua com a história.

Isso posto, esse sujeito passa a ser conduzido a, pelos diferentes modos, identificar-se ou, de acordo com Courtine (1981) contra-identificar-se com o saber de uma FD, cujas fronteiras se deslocam para acomodar saberes que migram, que vêm de fora, do interdiscurso, fronteiras cujo fechamento é extremamente instável. Nesse foco, para se alinhar o entendimento dessa contra-identificação, é procedente, retomar-se Pêcheux (1969) no ponto em que nos diz que o funcionamento da ideologia, em geral como interpelação dos sujeitos, acontece por meio do complexo das formações ideológicas e atribui a cada sujeito a sua realidade, enquanto sistema de evidências e de significações percebidas, aceitas e experimentadas.

Ao discutir os desdobramentos entre sujeito da enunciação e sujeito universal, Pêcheux afirma que é possível constatar que esse desdobramento pode assumir diferentes modalidades: identificação plena, contra-identificação e desidentificação.

No que se refere à identificação plena, Pêcheux (1969) compreende que há a superposição entre sujeito da enunciação e sujeito universal. Essa superposição revela uma identificação plena do sujeito do discurso com a forma-sujeito da FD que o afeta, tendo-se aí o discurso do bom sujeito.

Quanto à contra-identificação, Pêcheux (1969) entende que nessa modalidade de identificação o discurso do sujeito da enunciação se volta contra o sujeito universal por meio de uma tomada de posição. O sujeito se contra-identifica com a formação discursiva que lhe é imposta.

Todavia, além da identificação plena e da contra-identificação, Pêcheux (1969) acrescenta uma terceira modalidade, na qual o sujeito, ao desidentificar-se de uma formação discursiva, desloca sua identificação para outra formação discursiva, tendo-se assim um mau-sujeito. Destaca-se que quando Pêcheux fala de bom e mau-sujeito, o enuncia a partir da

concepção de sujeito proposta pela Análise Automática do Discurso ou seja, pela AAD, ou AD1, na qual a concepção de maquinaria discursiva era intensa.

O olhar de Pêcheux sobre a noção de sujeito vai evoluindo gradativamente com a introdução da ideia de tomada de posição, que origina o desdobramento do sujeito. Nesse ponto, aos poucos, a homogeneidade e unicidade do sujeito são relativizadas, culminando na fragmentação da forma-sujeito em diferentes posições-sujeito, nomenclatura criada por Courtine (1981) para definir um sujeito heterogêneo, polissêmico, fragmentado e disperso. Assim, as diferentes posições-sujeito são resultado das contradições, descontinuidades, lacunas presentes em uma formação discursiva heterogênea, que é materializada na língua. Trata-se de um movimento inconsciente e que sofre determinações sócio-históricas e ideológicas.

É dentro dessa perspectiva da fragmentação da forma-sujeito que esse sujeito cindido se desloca para além dos limites da sua FD na busca de completude e afirmação da sua identidade. Courtine (1981) além de dar novos contornos à noção de FD que passa a ser compreendida como matriz de sentidos que regula o que o sujeito pode e deve dizer e, também, o que não pode e não deve ser dito, demonstra que são as fronteiras fundamentalmente instáveis das FDs que permitem seus constantes deslocamentos e reconfigurações. Desta forma, torna-se evidente o processo que determina a natureza heterogênea do discurso.

Para Mariani (1998), o sujeito ganha sentido para si próprio e se constitui nesse processo identificatório com a formação discursiva. Todavia, falar em identificação do sujeito em uma dada formação discursiva implica dizer que ao mesmo tempo em que ocorre a interpelação em sujeito são apagadas para ele as outras formações discursivas que figuram em relação umas às outras no todo complexo das formações ideológicas. Desse modo, o emergir do sujeito numa dada formação discursiva promove o apagamento das outras formações discursivas provocando para ele o efeito de unicidade.

Nessa percepção entendida pela autora, pode-se apreender que a identidade não é algo definitivo. Esse processo de identificação é inacabado e acompanhado ininterruptamente de outros processos de identificação, ou seja, o sujeito se desidentifica de formações discursivas, identificando-se a outras e se contraidentificando a outras ainda.

Dessa maneira, há sempre algo que falha na cadeia significante, que resiste aos rituais ideológicos que deveriam promover a uniformidade do semântico. Essa resistência possibilita que o sentido inesperado possa insurgir, que o *non sense* possa significar ou mesmo que o silêncio possa fazer sentido ou ainda que um outro sentido possa surgir.

Indursky (2005), ao estabelecer um contraponto entre Foucault e Pêcheux, chama a atenção para o fato de que a formação discursiva é

concebida, por Pêcheux, sempre como ideológica e contraditória, constituída de saberes provenientes de outro lugar, de uma outra formação discursiva. Assim, mais do que o desdobramento da Forma-Sujeito em duas tomadas de posição, ter-se-ia a fragmentação da forma-sujeito em várias posições-sujeito desiguais entre si. Para a autora, aí residiria a contradição:

a existência da diversidade contraditória, instaurada pela entrada de saberes diferentes e muitas vezes divergentes, no interior da FD. Ou seja: tais saberes não se originam todos no interior da mesma FD, nem fazem parte de um subsistema no interior do sistema. Tais saberes são provenientes do exterior e, num determinado momento histórico passam a poder ser ditos no âmbito da FD. É isto que entendo por uma FD heterogênea em relação a ela mesma (INDURSKY, 2005, p. 192).

Assim, ao observar a existência dessa diversidade contraditória no interior da FD, Indursky (2000) afirma que a tensão entre a plena identificação com os saberes da FD e a contra-identificação com os mesmos saberes ocorre no interior da FD, o sujeito do discurso questiona saberes pertencente à FD em que ele se inscreve. Não se tendo mais uma identificação plena, abre-se espaço para uma superposição incompleta, que permite a instauração da diferença e da dúvida que são responsáveis pela contradição no âmbito dos saberes da FD. Isto é, esta segunda modalidade traz para o interior da FD o discurso-outro, a alteridade e isto resulta em uma FD heterogênea.

Para Indursky (1997, p. 233), “uma FD autoriza a divisão sob a aparência da unidade, a qual é garantida pela identificação ideológica e a divisão sendo decorrente das diferentes posições de sujeito possíveis no interior de uma FD”. É por isso que a coerência de uma FD é relativa, pois contém, em si mesmo, espaço para a diferença e para a contradição. Nesse direcionamento, um discurso é heterogêneo porque sempre comporta, constitutivamente, em seu interior, outros discursos.

Sobre este aspecto, Indursky (2000) assinala que a identificação ocorre atravessada por determinações inconscientes e por determinações ideológicas. Nessa compreensão, o sujeito se identifica com uma matriz de sentido. Isto é, uma formação discursiva, com dizeres de uma formação discursiva, atravessada por outros dizeres de formações discursivas distintas, o que possibilita filiações sócio-históricas de identificação. Assim, ideologia e inconsciente trabalham simultaneamente nesse processo.

Desse modo, de acordo com Indursky (2000), pode-se falar de identificação ou de processos de identificação. Isso equivale a falar de uma tomada de posição, que é atravessada pela ordem da ideologia e do inconsciente. Isto é, uma tomada de posição diante da interpelação ideológica, todavia sem haver nenhum controle por parte do sujeito ou,

sequer, consciência sobre esse processo. Nesse ponto, a identificação do sujeito é marcada por uma singularidade, que vai determinar o seu assujeitamento à ideologia, processo que é inconsciente. Desse modo, desde sempre, o sujeito é interpelado pela ideologia.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

O universo da pesquisa foi constituído por 6 (seis) sujeitos, apresentando idades entre 31 e 58 anos, sendo 2 (dois) do sexo feminino e 4 (quatro) do sexo masculino. É pertinente ressaltar que a predominância do sexo masculino, nesta pesquisa, deu-se porque a Igreja Evangélica Assembleia de Deus do campo de Abreu e Lima só adota o sujeito do sexo masculino como pastor, excluindo, assim, do pastorado, as pessoas do sexo feminino.

Para a efetivação da pesquisa, no processo de constituição do *corpus*, no que se refere à modalidade técnica, a opção foi por entrevistas semi-estruturadas aos seis sujeitos envolvidos nesta pesquisa.

Nesse item, levando-se em consideração que essa investigação não prioriza a exposição da identidade dos sujeitos entrevistados, e sim, o fenômeno pesquisado, no momento em que os discursos forem cotejados, esta pesquisa se destinará a cognominar os sujeitos da entrevista em siglas, sendo, cognominados, assim:

- CMAD1 e CMAD2 (Crente Membro da Assembleia de Deus 1 e Crente Membro da Assembleia de Deus 2).
- PSFT1 e PSFT2 (Pastor sem Formação Teológica 1 e Pastor sem Formação Teológica 2).
- PCFT1 e PCFT2 (Pastor Com Formação Teológica 1 e Pastor com Formação Teológica 2).

TRABALHO ANALÍTICO NUM *CORPUS* DISCURSIVO

Do que foi dito, torna-se pertinente a exposição de 4 (quatro) quadros seguintes, para que se perceba melhor em qual formação discursiva os sujeitos da pesquisa estão inseridos em relação à Formação Discursiva - FD de crente assembleiano precursora, inicial. Isto é, a formação discursiva de crente assembleiano que foi apresentada na origem. Ou seja, no surgimento da Igreja Evangélica Assembleia de Deus. Deste modo, procede-se, agora, à exposição dos quadros já citados:

- *O sujeito está assujeitado à autoridade do discurso divino, materializado na Bíblia e do discurso dos pastores fundadores.*
- *Muitos Efeitos metafóricos, principalmente associados ao fogo (A irmã Celina de Albuquerque, primeira convertida, relatou ter sido batizada com fogo, no Espírito Santo. (Crença baseada em MT C: 3, V: 11 e LC, C: 3, V: 16, quando João diz que Jesus viria para batizar com o Espírito Santo e com fogo).*
- *Grande ênfase na atuação divina diretamente relacionada à vida das pessoas. (irmã Celina, os missionários).*
- *Forte presença da Fé vivenciada, portanto, com muita emoção, sentimentos (os primeiros convertidos relatavam suas experiências pessoais sobre a atuação do Espírito Santo em suas vidas e sobre as experiências com as curas divinas e com o batismo no Espírito Santo e com fogo, como já foi dito. Tais relatos serviam como evangelismo e atraíam mais adeptos à Assembleia de Deus)*
- *Forte presença da heterogeneidade discursiva (os missionários Gunnar Vingren e Daniel Berg faziam referências ao discurso bíblico a todo o momento para pregarem, principalmente, sobre o batismo com fogo no Espírito Santo, com muita ênfase ao livro de Atos, capítulo dois, acerca da descida do Espírito Santo no dia de Pentecostes e do falar em línguas estranhas, do falar em línguas de fogo, considerado uma das principais características identitárias do crente assembleiano).*
- *será vista como uma “Jezabel”. Isto é, uma mulher pecadora, citada na Bíblia como uma mulher muito vaidosa e que, por isso, foi duramente castigada por Deus. Desse modo, não aderir a esses usos e costumes seria pecado diante de Deus.*
- *Significado colado na Bíblia. (Não se procura teologizações, nem reflexões, classificações ou conceituações hermenêuticas dos fenômenos religiosos e sim, o cumprimento da Bíblia como está escrito, literalmente).*
- *Assume-se a santidade. Isto é, total separação do “mundo”, das coisas do mundo.*

PASTORES SEM FORMAÇÃO TEOLÓGICA (PSFT 1 E PSFT 2)

- O sujeito está assujeitado à autoridade do discurso divino, materializado na Bíblia e ao discurso do pastor presidente.
- Alguns efeitos metafóricos (a Bíblia é a boca de Deus).
- Significado colado na Bíblia (a Bíblia diz: “Sede santo em toda a vossa maneira de viver e baseado nisso”, “a resposta que Paulo deu para o carcereiro de Filipos é a mais objetiva: crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e a tua casa”).
- Discurso com menos emoção, sentimento.
- Alguns traços da fé vivenciada (“Eu tive a felicidade de já nascer num lar evangélico”).
- Menos enfático sobre a atuação divina na vida das pessoas
- Heterogeneidade discursiva
- Não se admite interação com o “mundo”. (Nós nos tornamos diferentes em atitudes”).
- Usos e costumes não interagem com outras FDS, pois é considerado pecado (“É dar um testemunho de que o autêntico evangélico, de que o autêntico cristão morreu para o mundo e vive, agora para Cristo”).

PSFT 1 E 2 CONTRA-IDENTIFICADOS À FD

PASTORES SEM FORMAÇÃO TEOLÓGICA (PSFT 1 E PSFT 2)

- Assujeitamento ao discurso divino, materializado na Bíblia e ao discurso do pastor presidente.
- Raros efeitos metafóricos.
- Discurso teórico.
- Tendência a ser reflexivo.
- Não há ênfase na fé vivenciada.
- Tendência a ser menos enfático sobre a atuação divina na vida das pessoas.
- Forte conceituação e classificação dos fenômenos religiosos.
- Admite-se uma certa interação com o “mundo”.
- Usos e costumes interagem com o “mundo”, com outras formações discursivas.
- Desidentificados à FD Precursora de crença assembleiano.

PCFT 1 E 2 DESIDENTIFICAM -SE DA FD PRECURSORA DE CRENTE ASSEMBLEIANO E SE INSEREM EM NOVA FD:

FD DE CRENTE ASSEMBLEIANO DA INTERAÇÃO COM O MUNDO - IDENTIFICADOS

Assim, no que se refere ao que está posto nos quadros acima, analisou-se que o discurso de CMAD 1 e de CMAD 2 mostrou que eles se encontram identificados à formação discursiva *precursora de crença assembleiano*, tomando-se por consideração que eles demonstram preservar as características da Formação Discursiva – FD precursora de crença assembleiano, tendo em vista que, de semelhante modo como ocorreu com a primeira convertida, a irmã Celina de Albuquerque, percebe-se, no discurso de CMAD 1 e de CMAD 2, uma grande ênfase: na atuação do Espírito Santo em suas vidas, nas experiências subjetivas com ele e no poder do mundo espiritual, divino.

Nessa diretriz, a presença da heterogeneidade discursiva com o discurso bíblico, acionada pela memória discursiva cristã é outro elemento constante e se mostra de semelhante modo como os missionários fundadores da Assembleia de Deus, Gunnar Vingren e Daniel Berg faziam referências ao discurso bíblico, ao pregarem em solo belemita. Acerca da heterogeneidade discursiva, Authier-Revuz (2004) nos diz que o discurso não se origina no momento de sua produção e, sim, é uma retomada de dizeres que estão em outros lugares já cristalizados e neles se acomodam, produzindo efeitos de homogeneidade. Logo, para se compreender os efeitos de sentido do discurso de CMAD 1 e de CMAD 2, é necessário considerar o já-dito, pois, de acordo com Orlandi (2007) o sentido pré-existe ao sujeito que, ao enunciá-lo, evoca, repete aquilo que já existe. É dessa forma que o discurso de CMAD 1 e de CMAD 2 significa, produzindo muitos efeitos metafóricos.

Outro elemento que se mostra presente no discurso de CMAD 1 e de CMAD 2 e que evidencia a forma como eles estão identificados à FD *precursora de crença assembleiano* é a contínua presença do significado colado na Bíblia, tomando-se por base que o discurso destes sujeitos não apresenta uma tendência à reflexão ou à conceituação acerca do discurso bíblico, mas o apresenta de modo semelhante a como está na Bíblia, assim como faziam os missionários precursores, Daniel Berg e Gunnar Vingren, ao citarem o livro de Atos para falarem sobre o batismo no Espírito Santo com fogo nos dias atuais (daquela época). Nesse ponto, Pêcheux (1969) compreende que a identificação do sujeito à FD se dá pela identificação com alguns saberes e a rejeição de outros, sendo o sujeito afetado pelo inconsciente.

Nessa diretriz apontada por Pêcheux (1969), ocorre no discurso de CMAD 1 e de CMAD 2, uma rejeição a alguns saberes, principalmente aos usos e costumes aceitos pelo mundo secular, pois a aceitação é vista como desagradado a Deus. Isto é, pecado, como se pode perceber nos seguintes recortes discursivos: - “Eu gosto de ser da Assembleia de Deus porque a gente aprende a não ter vaidade, a gente aprende a não dar valor às coisas do mundo, porque o inimigo das nossas almas quer que a gente se misture com o mundo, mas tá amarrado, porque Deus não se agrada

disso não, sabe? Ele mesmo diz na sua palavra que a gente não deve amar o mundo, nem as coisas do mundo”. (CMAD 2). Ou, ainda: - “quetambém tem moços que se deixam levar por causa das Dalilas do mundo e tudinho acabam pecando, viu? (CMAD 1).

Nessa compreensão estabelecida na relação com a heterogeneidade discursiva, proposta por Authier-Revuz (2004) e compreendida por Orlandi (2005) e Indursky (2000), em relação ao que é dito noutra lugar, há o efeito de que o sujeito tenha a ilusão de que a origem do seu dizer está nele e, desse modo, assume-se como senhor da sua língua, tendo a certeza do domínio do sentido do seu dizer, apagando, assim, o mecanismo pelo qual ele foi levado a ocupar uma determinada posição e produzir um enunciado e não outro. Essa “ilusão necessária”, compreendida por Pêcheux (1969) é duplamente constituída, conforme já exposta anteriormente, no capítulo 1, por dois esquecimentos: o esquecimento *número dois*, pelo qual é apagado no sujeito o fato de que o seu dizer não tem origem em si, mas é resultado de uma seleção dentro dos muitos enunciados possíveis, é, portanto, da ordem da formulação. Assim, o sujeito se subjetiva, na medida em que se projeta de seu lugar no mundo para sua posição no discurso e o esquecimento *número um*, que se manifesta no fato de o sujeito estar inscrito no ideológico, sendo, portanto, todo dizer ideológico. Desse modo, a ideologia funciona, produzindo a evidência dos sentidos. O esquecimento *número um* traz a ilusão do sentido único, o de que não há efeitos de sentidos, mas o que se enuncia é compreendido da mesma forma por todos os que escutam.

Ainda se torna pertinente pontuar que quando CMAD 2 diz: - “Eu gosto de ser da Assembleia de Deus, porque a gente aprende a não ter vaidade, a gente aprende a não dar valor às coisas do mundo”, tal discurso aponta para a exterioridade, pois, pelo acionamento da memória discursiva, considerando a relação estabelecida de ensino e de aprendizagem encaminhada no enunciado do sujeito em análise, quando CMAD 2 diz que “aprende” na Assembleia de Deus a não ter vaidade e a não valorizar as coisas do mundo, há um efeito de inferência que mostra que alguém ensina isso aos crentes assembleianos. É nesse ponto que Pêcheux (1969) esclarece que a memória é muito mais do que uma colagem, ela é tudo que pode deixar marcas dos tempos desjuntados atuais e que permite a todo o momento fazer surgir e reunir as temporalidades passadas, presentes e que estão por vir. Nesse norte, este trabalho analisou quem os ensina a não dar valor às coisas do mundo e como isso faz significar no discurso dos crentes assembleianos.

Assim, sugeriu-se que tal relação de aprendizagem religiosa se estabelece no contato com o discurso-outro, principalmente, com o discurso dos pastores sem formação teológica, já que o discurso destes se mostra muito próximo ao discurso de CMAD 1 e de CMAD 2, identificados à

FD *precursora de crente assembleiano*, embora o discurso dos PSFT se apresente de forma mais moderada, como perceberemos nesse momento do trabalho, já que a língua falha, tropeça e o sujeito se evidencia nela. Tal proposição se dá, porque Orlandi (2006 a) propõe compreender as condições de produção como o contexto imediato e o contexto sócio-histórico, ideológico, ou seja, a autora propõe, ao se pesquisar a exterioridade constitutiva da materialidade linguística estudada, tanto examinar o contexto observável de produção dessa materialidade, quanto acionar uma memória discursiva que reconstrua essa produção.

Do exposto, analisou-se que o discurso dos pastores sem formação teológica (PSFT 1 e PSFT 2) mostrou que eles, enquanto posição-sujeito, encontram-se contra-identificados em relação à FD *precursora de crente assembleiano*, pois de acordo com Indursky (2000) ocorre a contra-identificação à forma-sujeito interpeladora do sujeito da formulação, quando resulta em um discurso em que se mostra questionamento, contestação. Nesse viés, o discurso de PSFT 1 e de PSFT2 demonstra algum questionamento em relação à FD *precursora de crente assembleiano* e em relação ao discurso de CMAD 1 e de CMAD 2, pois se mostra mais contido, menos enfático em relação às características apresentadas e, conforme é possível observar nos quadros publicizados acima, não apresenta uma totalidade de características presentes na FD precursora de crente assembleiano, como se analisa no discurso de CMAD 1 e de CMAD 2, tendo em vista que há a presença de poucos efeitos metafóricos no discurso de PSFT 1 e de PSFT 2, bem como uma tendência a ser menos emotivo e com menos relatos da fé vivenciada, muito presentes na FD precursora de crente assembleiano e no discurso identificado de CMAD 1 e de CMAD 2. Contudo, embora contra-identificados, PSFT 1 e PSFT 2 permanecem inseridos à FD *precursora de crente assembleiano*, pois apresentam as principais características de crentes assembleianos, mesmo havendo moderação na apresentação dessas características.

Outro elemento que demonstra que os sujeitos analisados permanecem inseridos nessa FD, é que como no discurso de CMAD 1 e de CMAD 2, identificados à FD *precursora de crente assembleiano*, o discurso de PSFT 1 e de PSFT, também não permite certas interações com o mundo, pois isso se constituiria em pecado diante de Deus. Nessa guisa, tal interação com o mundo, peca e faz pecar. Por isso, torna-se necessária uma vida de santificação em separação do mundo, conforme se pode observar nos seguintes recortes discursivos: - “Pra mim, ser evangélico é fazer sempre a diferença no servir a Cristo. É dar um testemunho ao mundo de que o autêntico evangélico, de que o autêntico cristão morreu para o mundo e vive, agora, para Cristo. (PSFT 1). Ou, ainda: - “A Bíblia diz: “Sede santo em toda vossa maneira de viver” e, baseado nisto, nós nos tornamos diferentes em atitudes, porque desejamos

e cumprimos a santa doutrina da palavra de Deus e conservamos, em nós, os bons costumes”. (PSFT 2).

Nessa perspectiva, o discurso de PSFT 1 e de PSFT 2 mostra o que Orlandi (1987) compreendeu como sendo uma assimetria entre o plano espiritual (divino) e o plano temporal (humano), estabelecendo-se um distanciamento entre o campo sagrado e o campo do profano, havendo, desse modo, lugares marcados. Nesse entendimento, o discurso de PSFT 1 e de PSFT 2, de semelhante modo ao discurso de CMAD 1 e de CMAD 2, inseridos na FD *precursora de crente assembleiano*, aponta para este horizonte, pois o autêntico testemunho de ser evangélico se dá a partir da demonstração de que se morreu para o mundo e se vive para Cristo. Tal antítese representa uma total separação dos elementos mundanos para a aceitação e completude divina por meio do posicionamento de um sujeito que se preenche nos contatos estabelecidos com o mundo divino, espiritual. Desse modo, o sujeito assembleiano deve se tornar diferente em atitudes e cumprir a santa doutrina da palavra de Deus. Isto é, a Bíblia, que está presente, principalmente, nos ditames oficiais da igreja, conforme já expostos nesta pesquisa e que marca o discurso do sujeito assembleiano, desse sujeito religioso compreendido por Orlandi (2005), que se apresenta assujeitado pela linguagem e afetado pelo inconsciente.

O discurso de PCFT 1 e de PCFT 2 mostrou que eles se desidentificaram da FD *precursora de crente assembleiano*, inserindo-se em nova FD. Desta forma, encontram-se identificados à nova formação discursiva, cognominada por este trabalho como: FD *de interação com o mundo*. Isto dito, baseado nas análises realizadas. Por exemplo, o discurso de PCFT 1 e de PCFT 2 demonstra uma tendência a ser mais reflexivo e menos emotivo, a uma conceituação e classificação dos fenômenos religiosos, conforme se pode analisar nos seguintes recortes discursivos: “ – Ser evangélico, dentro da concepção do termo, no contexto cristão brasileiro é ser membro de uma igreja evangélica”... (PCFT 1). Ou, ainda: “ – Bem, ser evangélico, a própria etimologia do termo, da palavra *evangélico* está ligada ao evangelho. São vários designativos para aqueles que seguem a Cristo”. (PCFT 2). Desse modo, observa-se que ambos mostram uma conceituação, concepção acerca do termo evangélico, do fenômeno religioso de ser um cristão, não se mostrando o ser evangélico partindo-se da fé vivenciada, ao passo que no discurso de CMAD 1 e de CMAD 2, identificados à FD *precursora de crente assembleiano*, a mesma pergunta é respondida, sendo mostrada da seguinte forma: “ – O evangélico mesmo é aquele que procura deixar as coisas do mundo e agradar ao Rei dos Reis, tem sempre livramento, sabe? (CMAD 2). Ou, ainda: “ – Olha, varão, é andar na luz, né? É servir a Jesus, é não se misturar mais com as coisas do mundo, com o Egito, né? (CMAD 1).

Outro elemento que pode ser analisado no discurso de CMAD 1 e de CMAD 2 é que ambos demonstram uma ênfase, ou melhor, uma resistência à não-interação com o mundo, ao passo que o discurso de PCFT 1 e de PCFT 2 estabelece essa abertura. Vale conferir, a título de exemplificação:

-”Um crente assembleiano não vai ao cinema? Hoje, vai!Um crente assembleiano não joga futebol? Hoje, joga!Um crente assembleiano, uma crente assembleiana não usa calça comprida? Hoje, usa!Uma crente assembleiana não corta cabelo? Hoje, corta!

Uma crente assembleiana não se maquia? Hoje se maquia!Uma crente assembleiana não, não usa adorno? Hoje, usa”! (PCFT 1)

Embora o discurso de PCFT 1 se apresente em forte tendência para a abertura à interação com o mundo, no discurso de CMAD 1 e de CMAD 2, tal interação é frequentemente negada, conforme se mostrou nos recortes discursivos acima, e, ainda se pode visualizar, por exemplo, neste recorte: “ O povo já reconhece a gente, varão. Veja bem, a gente não vive na vaidade, não. O crente da Assembleia de Deus não se pinta, não usa calça de homem, deixa o cabelo crescer. (CMAD 1).

Tal exposição deixa claro que PCFT1 e PCFT 2 encontram-se desidentificados da formação discursiva de *crenteassembleiano*, estando, de fato, identificados à FD de *crentes assembleianos da interação com o “mundo”*, que seria uma nova FD, fruto da vivência dos PCFT em outras regiões, em outros países, que avançam, principalmente, na relação das regras para os usos e costumes e apregoam a interação mais efetiva com o mundo que, na FD de origem, peca e faz pecar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a compreensão do sujeito discursivomembro da Igreja Assembleia de Deus, é necessário analisar seu discurso, delimitando o lugar social que sua voz ocupa na posição-sujeito, que é entrecruzada por vezes integrantes de dada realidade social, no acontecimento discursivo. Por isso, o trabalho de pesquisa, aqui apresentado, trouxe discursos religiosos historicamente marcados, materializados em uma unidade discursiva que possibilita o já-dito ser inscrito em um novo acontecimento, promovendo descrições e reflexões.

Quanto ao conceito de discurso propriamente dito, defendido por esta pesquisa, pode-se afirmar que ele é entendido como efeito de sentidos entre locutores. Efeito justamente porque, ao se refutar as “transparências” (do sujeito, da linguagem, da história, da “realidade”), o que resta ao sujeito são efeitos (de objetividade, de transparência, de comunicação bem-sucedida...).

Nesse perfil investigativo compreendido pela AD, o sujeito assembleiano analisado por este trabalho mostrou-se essencialmente ideológico e histórico, pois se posiciona inserido num tempo e espaço socialmente situados, no imbricamento entre o linguístico e o social, levando-se em consideração que, para Pêcheux (1997), a interpretação é materializada pela história. Nesse viés, o acontecimento discursivo apresentou-se como um fator relevante para a interpretação.

Desse modo, pode-se compreender que o sujeito assembleiano, interpelado pela ideologia e afetado pelo inconsciente, assume uma posição, um lugar do qual produz enunciados, sendo irremediavelmente afetado por dizeres anteriores. Assim, analisar a posição-sujeito de crente assembleiano, de pastor sem formação teológica e de pastor com formação teológica tornou-se constituinte para os procedimentos analíticos do discurso religioso dos seis sujeitos da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, envolvidos neste trabalho.

Assim, esta investigação, baseada nos estudos propostos por Indursky (2000), analisou a que formações discursivas estão identificados, contra-identificados ou desidentificados os sujeitos assembleianos analisados nesta pesquisa e, ao proceder a esta investigação, percebeu-se que os seis sujeitos analisados falam de posições-sujeito diferentes e não possuem todos a mesma formação discursiva.

Nesse viés, este trabalho de pesquisa contribui para os estudos relacionados às Ciências da Linguagem e da Religião, pois aponta para o surgimento, no seio da comunidade religiosa da *Igreja Evangélica Assembleia de Deus* do campo de Abreu e Lima, de uma nova formação discursiva: “*formação discursiva de crente assembleiano de interação com o mundo*”, pois, ao contrário da *FD precursora de crente assembleiano*, que negava quaisquer interações com o mundo, essa nova FD, que está presente na comunidade assembleiana permite certa interação com o “mundo”, principalmente, no que se refere aos usos e costumes do crente da Assembleia de Deus.

Nesse norte, a pesquisa mostrou que o discurso dos crentes assembleianos entrevistados demonstrou que eles estão identificados à *FD precursora de crente assembleiano*, já o discurso dos pastores sem formação teológica mostrou que, embora eles se encontrem contra-identificados à *FD de crente assembleiano*, eles continuam identificados a essa FD. Entretanto, no caso do discurso dos pastores com formação teológica, ficou evidenciado, a partir da análise discursiva realizada, que os mesmos se encontram desidentificados em relação à *FD precursora de crente assembleiano*. A desidentificação conduz ao abandono da FD e à inserção a uma nova FD, com a qual se identifica.

REFERÊNCIAS

- ALTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Entre a transparência e a opacidade – um estudo enunciativo o sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- COSTA, Jefferson Magno. *Eles andaram com Deus*. Rio de Janeiro: Ed. Casa Publicadora das Assembleias de Deus, Rio de Janeiro: 1985.
- COURTINE, Jean-Jacques; MIRANDIM, J. M. *Quel Object pour l´analyse du discours? Materialités discursives*. Lille: Press Universitaires, 1981.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 2010.
- INDURSKY, Freda. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. Campinas: Unicamp, 1997.
- _____. *A noção de sujeito em AD: do desdobramento à fragmentação*. ANPOLL, Porto Alegre, 2000.
- _____. (Org.). Remontando de Pêcheux a Foucault: uma leitura em contraponto. In: *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos: Claraluz, 2005.
- MUSSALIN, F. BENTES, A. C. (org.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2003.
- ORLANDI, Eni P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: UNICAMP, 2007.
- _____. *A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 2006 a.
- _____. *Palavra, fé, poder*. Campinas: Pontes, 1987.
- PÊCHEUX, Michel. (1969). In: GADET & Hack. *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990.
- _____; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HACK, T. (Orgs). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1993.
- _____. *O discurso: Estrutura ou acontecimento*. 2ª ed. São Paulo: Pontes, 1997.